

TRABALHO INTELECTUAL, EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

MARIA JOILMA FERREIRA DOS REIS¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mariajoilma.ferreira@hotmail.com

² Universidade Fedderal de Pelotas – alfeu.sparemberger@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Esta apresentação tem como objetivo analisar a relação entre trabalho intelectual, exclusão e resistência presentes na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus (1914-1977).

Carolina desejava fugir da pobreza e sabia que não conseguiria somente catando materiais recicláveis. Resolveu, então, escrever, nas folhas de papel que catava nas ruas, todos os absurdos diários da vida miserável que vivia na favela do Canindé - o quarto de despejo - e nas ruas de São Paulo – a sala de visita-. Enquanto descansava do ofício de catadora, Carolina voltava-se para a escrita, a leitura, a música e a literatura. Assim seus diários começaram a ganhar forma. O trabalho intelectual surge como uma arma, uma maneira de resistir à exclusão em que vive.

Quarto de despejo, como conhecemos, é um diário-reportagem formado por passagens de alguns dos diários de Carolina – cortes foram feitos pelo jornalista Audálio Dantas - com registros que iniciam em 15 de julho de 1955 e seguem até 28 de julho do mesmo ano; retomados em 2 de maio de 1958 até 1 de janeiro de 1960. Neles, a autora registra seu cotidiano na favela, as dificuldades enfrentadas pelos favelados, crítica aos políticos e às instituições que abandonam os pobres e, também, a sua vontade de usar a escrita para fugir de tanta pobreza.

O livro, considerado um dos best-sellers da literatura brasileira, causou espanto e superou outras obras já consagradas em número de vendas e traduções. No entanto, seu sucesso literário durou menos de uma década e aos poucos autora e obra foram sendo esquecidas. Nos últimos anos, porém, tem retomado seu lugar de direito, ganhando mais leitores, pesquisadores e, principalmente, os espaços acadêmicos. O que nos faz pensar: por que o trabalho intelectual de Carolina não foi totalmente suficiente – funcionou assim que foi publicado – para mantê-la longe da pobreza?

2. METODOLOGIA

A investigação é de caráter qualitativo bibliográfico, ancorada na interdiscursividade entre Literatura e História. Para a pesquisa, utilizamos os conceitos e ideias de Alfredo Bosi (2002), desenvolvidos em *Narrativa e resistência*, com a finalidade de reconhecer a escrita de Carolina como um ato de resistência. Para falar do trabalho intelectual desenvolvido por Carolina e a importância que este teve em sua vida, estamos utilizando as ideias de Vogt, no ensaio *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual* (*O Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*) (1983). Discutimos também o papel histórico do indivíduo excluído em *A escrita e os excluídos*, em que estes últimos só aparecem nos textos literários como “objeto da escrita”, em produções de determinados autores. Carolina, no entanto, subverte esta

lógica, pois aparece como “sujeito do processo simbólico”. Com Antonio Cândido, em *A nova narrativa* (1989), fazemos um percurso buscando entender onde a escrita e as obras de Carolina se encaixam na Literatura Brasileira. Utilizamos ainda Achugar (2006) para falar de uma nova narrativa capaz de narrar uma nação mais democrática, pois incorporaria outros sujeitos, atores sociais, antes excluídos, na narrativa da nação. Spivak, em *Pode o subalterno falar*, contribui para pensarmos a voz de Carolina e dos outros favelados como subalternos que tentam falar, mas devido a questões sociais, econômicas e políticas acabam tendo suas vozes abafadas. Para os dados mais biográficos sobre a autora, utilizamos *Vida por Escrito*: portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus, organizado por Sergio Barcelos (2014).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bosi, em *A escrita e os excluídos*, relaciona a situação de excluído ao acesso que ele não teve à escrita e à leitura. Assim, ser um excluído está ligado diretamente ao fato de dominar somente a oralidade e, consequentemente, a falta de “cultura”. Então, o único modo de fugir da exclusão é ter acesso ao conhecimento adquirido através da leitura e da escrita, para que seja possível, segundo Bosi (2002, p.263), “ter vez e voz em um mundo que se fecha para os que não conseguiram transpor o limiar da escrita”.

Esse espaço entre escrita e vida é interessante, pois estabelece um confronto entre a leitura/literatura e as exigências da vida prática. Quando a sobrevivência da família está garantida – para um ou dois dias -, Carolina se dedica ao cuidado do espírito e, através da literatura, cria o espaço da subjetividade. É o momento reservado para a leitura literária e para a escrita de seu diário. Um exemplo desta situação ocorre quando Carolina está nervosa e maldizendo a falta de sorte do pobre. Ela logo se tranquiliza ao receber alimentos do dono de um centro espírita e, assim, pode reservar um momento para ler: “O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão” (JESUS, 2014, p. 16). A leitura a torna capaz de questionar e de se opor a algumas situações e condições as quais os pobres estão condicionados. Igualmente essa oportunidade de ocupar-se do que é subjetivo e esquecer, mesmo que por algumas horas, as obrigações e compromissos, lhe daria acesso à “cultura”.

A excluída Carolina, pobre e favelada, se torna sujeito do processo simbólico de sua escrita mediante o conhecimento alcançado. No entanto, o “conhecimento” é limitado e a escritora, por não dominar integralmente a escrita, transfere para os diários traços da oralidade. Ato aparentemente inaceitável. Embora na escrita de Carolina não predomine uma construção textual baseado na norma culta, ela resiste exatamente porque sua escrita existe independentemente dos recursos que a escritora usou para realizá-la.

Antes mesmo do lançamento do livro, Carolina já vivenciava um sucesso admirável. A publicação teve números recordes de vendas, exemplares e traduções. Da noite para o dia a favelada se tornou um fenômeno, era agora uma escritora. Segundo Vogt:

A agitação em torno do livro foi grande. Tão grande que, ao menos no plano individual, Carolina pareceu encontrar a solução para os seus problemas. O trabalho intelectual produzia, enfim, o efeito de distinção dos méritos

pessoais da favelada, transformando-a, numa semana, na autora dos maiores best-sellers do Brasil (1983,p.212).

O trabalho intelectual e o conhecimento permitiu a saída da autora/personagem da favela, mas não funcionou como ela queria. Certamente o livro a diferenciou dos outros favelados, mas não foi o suficiente para que a ex-favelada tivesse o mesmo prestígio de outros escritores. Vogt (p.212) comenta que “Carolina, assim como outros pobres e negros no Brasil, vive a esperança de resgatar, pelo prestígio intelectual, o prestígio social que nunca tivera”. Mas o prestígio intelectual, ligeiramente experimentado por ela, só trouxe resultado no resgate do prestígio social que nunca teve. Em *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), nos relatos iniciais, Carolina desfruta de seu sucesso e popularidade – autógrafos, viagens, jantares, entrevistas nas rádios e jornais - antes e durante o lançamento do livro que, consequentemente, a impedem de dedicar-se a leitura e a escrita. Então, no dia 17 de setembro de 1960, poucas semanas depois de *Quarto de despejo* ser publicado, ela comenta:

Não tenho tempo para escrever o meu diário devido aos convites que venho recebendo de várias cidades do interior para autografar livros. Convite que atendo com prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O repórter disse-me que esse entusiasmo passa (JESUS, 1961, p.58).

Continuar a escrever era a única maneira de tentar manter o prestígio intelectual e social que ela estava vivenciando. Logo após essa passagem em seu diário, ela retoma a escrita de seus diários. Mas continuar escrevendo não manteve o prestígio e os livros pós *Quarto de despejo* não vendiam mais. Assim, o livro que trouxe o sucesso efêmero é o mesmo que, segundo Vogt (p.211), tornou Carolina diferente e causou estranhamento entre ela e os favelados, fazendo com que fosse apedrejada no dia em que foi embora da favela. Consequentemente, essa mudança de status social atrapalhou a escritora quando ela, sem dinheiro, retornou as suas atividades de catadora.

O reconhecimento dessa escrita também não aconteceu como esperado. Ao leremos o ensaio *A nova narrativa*, de Cândido, percebemos que ele não comenta a obra de Carolina ou outro texto que compartilhe das mesmas características. Os livros devidos a “não-ficcionistas” apresentam uma “escrita antes tradicional, com ausência de recursos espetaculares, aceitação dos limites da palavra escrita, renúncia à mistura de recursos e artes, indiferença às provocações estilísticas e estruturais” (p. 214). Isso revela que produções marcadas pela oralidade não integram o cânone literário.

A narrativa de *Quarto de despejo* aparece em um momento importante não só para a Literatura como também para entendermos as questões sociais do Brasil que comprehende os anos de 1955 a 1960, pois ao escrever o seu dia-a-dia de favelada, Carolina traz outra narrativa de nação brasileira, que inclui outros sujeitos, antes esquecidos. Porém, estava o Brasil pronto para tal narrativa? O desaparecimento da autora e obra demonstra que o país que se dizia democrático não era tão democrático.

Se pensarmos na crítica que Spivak faz, em *Pode o subalterno falar?*, aos intelectuais que falam pelos subalternos ao invés de proporcionar espaço para que eles falem e sejam ouvidos, podemos pensar em mais uma pista para o desaparecimento de Carolina. Autora e obra ganharam toda repercussão e força que tiveram porque tinham apoio de alguns intelectuais, principalmente jornalistas, mas

quando a favelada-escritora deixou de ser novidade e o interesse pelo sujeito excluído acabou, rapidamente ela foi deixada de lado, retornando as margens de onde saiu. Apesar disso, Carolina resistiu e resiste até hoje.

4. CONCLUSÕES

Considera-se importante pensar a contribuição de Carolina Maria de Jesus para a literatura brasileira, mesmo quando há uma rejeição de sua escrita, seu lugar de origem e de suas obras. Trata-se de uma escrita “original” que mudou o nosso modo de percepção da realidade brasileira, principalmente por “contestar” o discurso hegemônico do desenvolvimentismo (econômico e social). Este texto renegado, excluído e constantemente questionado pelas instâncias legitimadoras do fato literário conseguiu, além de seu valor intrínseco como documento, revelar as contradições da sociedade brasileira. O trabalho intelectual se mostrou como a saída mais lógica para que a favelada pudesse sair da favela, e funcionou. No entanto, sair da margem não a levou para o centro como ela desejava. Ela se tornou escritora, mas não teve condições sociais, econômicas e políticas de manter o status. Pouco depois de toda a agitação do primeiro livro e fracasso dos seguintes, Carolina muda-se para um sítio em Parelheiros –SP e novamente está a margem de tudo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. A nação entre o esquecimento e a memória: para uma narrativa democrática da nação. In: _____. **Planeta sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.** Traduzido por Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG (2006).
- BARCELLOS, Sergio. **Vida por escrito** - Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. 2014. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/biografia>>. **Acesso em: junho 2018.**
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: _____. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p. 119-135.
- _____. Alfredo. A escrita e os excluídos. In: _____. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p. 257-269.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 199-215.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.
- _____. Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1961, 183p.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** [trad.]. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (O Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus). In: SCHWARZ, Roberto. (Org.) **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.p. 204-213.